

A ética e a caixa de ferramentas

Marcos Eduardo Rocha Lima

PROFESSOR DO DEPTO DE PSICOLOGIA DA UFSC

Resumo

O autor reflete sobre sua experiência como psicólogo e os motivos que o levaram a não seguir uma única "linha" teórica em sua prática terapêutica.

Tal prática se desenvolve a partir de uma ética spinozista, que busca o que é bom para o indivíduo, ou seja, o que aumenta a potência de agir de seu corpo-e-alma; ao mesmo tempo luta contra o que é mau, o que diz não à vida, a envenena: as paixões tristes.

Frente à complexidade do real, é preciso lançar mão das diferentes ferramentas teóricas que possam, de alguma forma, contribuir para a realização do objetivo ético de destruir a tristeza e produzir a alegria de viver.

Palavras-chave: tristeza; transformação; alegria.

Abstract

The author ponders over his experiences as a psychologist and the reasons which have lead him to follow not just an unique theoretical current in his therapeutical practice.

He developed his practice with a Spinozist ethic approach which seeks whatever may be good for the individual, in other words, the factors responsible for improving the acting power of the body and soul; simultaneously, in his practice he fights against whatever may be bad, whatever negates life and poison it: the sad passions.

Confronted with the complex reality, it is necessary to make use of the different theoretical tools, which may, somehow, contribute to the achievement of the ethic objective of destructing sadness and produce joy of life.

Keywords: sadness; transformation; joy.

O mundo é mais rico do que é possível expressar em qualquer linguagem (PRIGOGINE, 1983: 25).

Enquanto o vento uiva lá fora, vôo lentamente rumo ao passado, pou-sando em acontecimentos recentes e longínquos, refazendo aos poucos minha experiência como terapeuta desde que me formei em psicologia (1983).

Nestes quatorze anos de trabalho, aprendi o quanto é difícil ajudar seres infelizes (numa sociedade em que a norma é a infelicidade) a encontrar os caminhos para a afirmação da sua singularidade, de seu próprio jeito de lutar pela felicidade, de construí-la, a cada dia: “não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (FREUD, 1978:146).

Antes mesmo de tornar-me psicólogo, percebendo as dificuldades inerentes a uma arte de ser feliz na nossa sociedade,¹ já me empenhava em ampliar a formação acadêmica com cursos de acupuntura ou vivências inspiradas em REICH. Visando conhecer o Outro, o Diferente, passei cinco anos no México, circulando entre povos indígenas. Através da convivência com *tarahumaras*, *huicholes*, *tzeltales* etc., pude compreender como os padrões culturais variam, ou seja, como a Moral é relativa. Assim, o que era sólido desfez-se no ar, o que parecia “natural” mostrou-se como uma construção histórica. Descobria, aos poucos, como a infelicidade de cada um era inseparável do mal-estar coletivo.

Buscando traduzir em linguagem o que sentia, lia vorazmente: KAFKA, CORTAZAR, FREUD, NIETZSCHE, REICH, LAING, COOPER, PERLS, FROMM, ROGERS, DELEUZE, GUATTARI, FOUCAULT, LACAN, TOURNIER... um turbilhão de idéias. Em muitas delas, encontrei traduções bastante próximas ao que vivia, no dia-a-dia (“entendemos o quanto fazemos parte do que nos é dito”, já dizia HEIDEGGER). Essa longa exploração teórica culminou com a realização de dois mestrados, em filosofia e em antropologia.

Enquanto isso, atuava como psicólogo social e clínico. Desde o começo, sentia que ao fazer psicologia social praticava também psicologia clínica (e vice-versa). Ao realizar, por exemplo, uma pesquisa num hospital psiquiátrico infantil (ROCHA LIMA, 1990), onde tratava de investigar a construção social da loucura, como poderia deixar de atuar terapeuticamente junto àquelas crianças que gritavam por socorro? Ao

¹ Os limites da “nossa sociedade” vão muito além de um estado-nação, em função dessa característica básica da modernidade: a globalização. “A modernidade é inerentemente globalizante...” (GIDDENS, 1991:69). Daí a abrangência da expressão “nossa sociedade”: é a sociedade moderna atual, com sua penetração virtual por toda a superfície da terra.

mesmo tempo, ao atuar como terapeuta de um corpo-e-alma, como não levar em conta que aquele ser estava ali, naquela instituição criada por nossa sociedade para torná-lo invisível?

Minha experiência como professor, que se iniciou nos anos 70, ensinou-me a trabalhar em grupo a formação de um tecido coletivo movido pelo prazer (de aprender) e não pelo dever.

Hoje, a produção desse Nós se dá no Curso de Psicologia da UFSC: com os grupos de alunos e de estagiários. A supervisão de estágios no SAPSI (Serviço de Atendimento Psicológico, do Departamento de Psicologia da UFSC), onde realizamos um trabalho terapêutico individual e grupal, amplia o tecido coletivo com a inclusão dos clientes, que são vistos não como objetos de nosso suposto saber, mas como participantes de um grupo-sujeito, que tem como objetivo básico a promoção do auto-governo, da capacidade de cada um governar a própria vida. Ao mesmo tempo: solidariedade grupal e afirmação da diferença.

Solidariedade e Singularidade. Estas são também as palavras-chave de um grupo que criamos - NAPS (Núcleo de Atenção Psicossocial), na Prefeitura Municipal de Florianópolis. Trata-se de um grupo aberto para seres supostamente loucos, denominado GUDA (Grupo de Usuários de Drogas Antipsicóticas). Enquanto no SAPSI nossa clientela é formada principalmente por pessoas de classe média (universitários sobretudo), aqueles que buscam o GUDA são, em geral, muito pobres. “Loucos” pobres e universitários infelizes são convidados a uma transformação que poderíamos chamar (com GUATTARI) de ‘ecosófica’, por envolver “os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (GUATTARI, 1990:8).

Ethos. Theorien.

Essa longa caminhada, ‘caminante haciendo el camino al andar’, mostrou-me a complexidade extrema do real e a impossibilidade de reduzi-lo às leituras que dele fazemos. É como lemos na epígrafe: “O mundo é mais rico do que é possível expressar em qualquer linguagem”. O semiólogo BARTHES diz o mesmo que o físico PRIGOGINE, com outras palavras: “Não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem)” (BARTHES, 1978:22). Ou seja, se nos agarrarmos dogmaticamente a qualquer interpretação do real, ficaremos aliviados por termos enfim encontrado nossa Verdade

Irrefutável, nossa certeza absoluta, mas estaremos reduzindo a extrema complexidade e riqueza das múltiplas realidades em que vivemos a uma crença que exclui tudo que não concorde com ela.

Por isso mesmo, não seguimos uma ‘linha’. Nossa relação com a teoria é a de um uso ancorado em uma ética. Usamos as teorias como ferramentas nos processos terapêuticos dos corpos-e-almas que nos procuram no SAPSI e no NAPS.² Frente à complexidade da realidade vivida por cada ser que encontramos no trabalho terapêutico, podemos lançar mão de tudo que seja ético, ou seja, de toda ferramenta teórica que seja útil para o processo de transformação, para a construção cotidiana de felicidade.

A ética que guia esse uso das teorias nasceu de um mergulho em ESPINOZA, conduzido por DELEUZE. Baruch de Spinoza (ou Bento Espinosa, aporuguesado), um filósofo-artesão do século XVII, tem hoje, num mundo cansado da perspectiva cartesiana, uma influência crescente. É uma ética que não se confunde com a Moral: “a oposição dos valores (Bem-Mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom-mau)” (DELEUZE, 1981:35).

Em termos de terapia do corpo-e-alma, esta substituição da Moral pela ética significa que em vez de ter como objetivo a adaptação às convenções sociais, busca-se o que é *bom* para o indivíduo, ou seja, o que amplia a sua capacidade de amar, de sentir-se alegre, de gostar da vida, de realizar-se em seu projeto singular. Em linguagem spinozista, trata-se de levar o corpo e a alma ao máximo de sua potência de agir.

Por outro lado, é *mau* tudo o que diz não à vida, tudo o que a envenena. E os venenos nossos de cada dia são, para ESPINOZA, as

² DELEUZE, numa famosa conversa com FOUCAULT, afirma que “uma teoria é como uma caixa de ferramentas... É preciso que sirva, é preciso que funcione”. Elas são “como óculos dirigidos para fora e se não lhe servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate” (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979:71). Numa entrevista ao ‘Le Monde’, FOUCAULT faz uma afirmação semelhante, ao comentar sobre seus livros: “todos os meus livros, seja a *Historie de la Folie*, seja este (*Vigiar e Punir*) são, se você quiser, caixinhas de ferramenta. Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela idéia, de uma análise como de uma chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros... pois tanto melhor” (FOUCAULT, 1990:220). A fonte de inspiração de ambos pode ser encontrada em WITTGENSTEIN: “pensa nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. Assim como são diferentes as funções destes objetos, assim são diferentes as funções das palavras. (E há semelhanças aqui e ali)” (1996:31). Daí, seu célebre aforisma: “don’t ask for the meaning; ask for the use”.

paixões tristes: ESPINOZA segue, passo a passo, o terrível encadeamento das paixões tristes: primeiro a própria tristeza, em seguida o ódio, a aversão, a zombaria, o medo, o desespero, o remorso... (DELEUZE, 1981:39).

A luta contra as paixões tristes demanda um trabalho lento, difícil, cotidiano, onde são utilizadas as mais diversas ferramentas:

1. Arqueologia do inconsciente e genealogia da moral

Como muitas vezes as paixões-veneno estão recalçadas, desconhecidas pelo eu, é preciso uma análise da história do sujeito, onde se faz tanto uma arqueologia do inconsciente (no sentido freudiano e reichiano) quanto uma genealogia da Moral (no sentido nietzscheano/foucaultiano).

Assim, por exemplo, frente a uma dona de casa deprimida, podemos pensar com FREUD e REICH hipóteses sobre a psicogênese dessa depressão, investigando a possibilidade de uma disposição patológica inconsciente, impressa na alma, mas também no corpo encoraçado.

A genealogia da Moral investiga o modo como os seres humanos são construídos pela História. Neste processo, há a formação de um inconsciente social, que faz com que invenções históricas (geradas nas relações de poder) tornem-se verdades “naturais”, “eternas”, “imutáveis”.³ BOURDIEU sintetiza bem o que é esse inconsciente, que demanda um trabalho socioanalítico (em vez de psicanalítico): “O Inconsciente é a História, [isto é], o inconsciente é o esquecimento da história que a própria história produz (BOURDIEU, 1980:94).

Numa análise genealógica da dona de casa deprimida, é importante pensar com ela o lugar ocupado pela mulher/mãe/esposa na nossa sociedade. Neste processo, que poderíamos chamar de “desnaturalização do ‘natural’” ou de “distanciamento do *taken for granted*”, recorreremos à história do Ocidente ou à comparação com outras culturas para analisarmos com a cliente as diferenças e semelhanças da condição feminina hoje em relação a outras épocas e lugares. Será possível perceber, por exemplo, não só a onipresença da dominação masculina, como também o fato de que neste século a nossa sociedade vê se desfazer, pouco a pouco, essa “eterna” falocracia.

³ FOUCAULT nos fala dessas verdades, cozidas lentamente no fogão da história: “a verdade: espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada, sem dúvida porque o longo cozimento da história a tornou inalterável” (FOUCAULT, 1979:19).

Na realização da genealogia da Moral, desse olhar distanciado sobre o inconsciente social, as ferramentas teóricas vão da sociologia política (BOURDIEU) à história das mentalidades (ARIÈS e outros), passando pela antropologia (diversos) e pelo 'historiador do presente' (FOUCAULT).

2. O corpo, a natureza, os prazeres difíceis

As hipóteses de um inconsciente edípico (FREUD, REICH e cia.) e de um inconsciente sócio-histórico (FOUCAULT, BOURDIEU e cia.) apontam não apenas para uma fabricação das almas, mas também dos corpos.

REICH percebeu bem as couraças musculares que contêm angústias, ódios e prazeres que não puderam aflorar, submetidos à repressão familiar. Olhou para o sistema nervoso autônomo e viu que o ser humano moderno sofre de simpaticotonia crônica, ou seja, de angústia permanente. Um ser enjaulado, que não pode respirar profundamente e abraçar a vida (REICH, 1994).

FOUCAULT nos mostrou como age o poder na nossa sociedade, sujeitando os corpos, dirigindo os gestos, regendo os comportamentos (FOUCAULT, 1979:182).

A genealogia [nos dizia] deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 1979:22).

Assim, ao nos encontrarmos com a nossa hipotética (mas tão típica) dona de casa deprimida, veremos uma alma angustiada em um corpo arruinado; ou, se preferem, uma alma arruinada em um corpo angustiado. Ou ainda, um corpalma fraco e triste.⁴

Não é, portanto, por uma mera questão de retórica que usamos a expressão "terapia do corpo-e-alma" em vez de psicoterapia: simultâneo ao trabalho de reconstrução histórica da psique de nossa cliente triste, é indispensável levá-la a perceber (e refazer) o seu corpo, igualmente fabricado e destruído pela história. Nesse voltar-se para o corpo, começa-

⁴ ESPINOSA: "... a ordem das ações e das paixões do nosso corpo é, de sua natureza, simultânea à ordem das ações e das paixões da alma" (ESPINOSA, 1983:177). Ou seja, "tudo que é ação no corpo é também ação na alma, tudo que é paixão na alma é também paixão no corpo (DELEUZE, 1981:94). O que o filósofo dizia há mais de três séculos foi reafirmado no século XX pelas hipóteses bioenergéticas de REICH nos anos 30 e da neurologia nos nossos dias: "bioenergeticamente, a psique e o soma funcionam condicionando-se mutuamente e ao mesmo tempo formando um sistema unitário" (REICH, 1994:291). "A alma respira através dos corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne" (DAMÁSIO, 1996:18).

mos pelo mais simples, mais básico e mais esquecido no Ocidente: respirar. Como você respira?

A respiração profunda, como ensina a filosofia oriental há milhares de anos, é fundamental para ampliar a potência do corpo-e-alma, gerando bem-estar, bom-humor, varrendo angústias... Respirar profunda e lentamente me joga no agora: em vez de carregar o passado e de me preocupar com o futuro, abraço o presente que passa.

Aqui, nos baseamos no *Zen*, no *Tao*, mas também em REICH, que dava um importância extrema ao inspirar... expirar incessante.

A questão “como você respira?” é inseparável de uma outra: o que você respira? Ar puro, poluído? Esta pergunta nos remete à natureza e à sua destruição; ou seja, às conseqüências nefastas da nossa relação parasitária com a natureza e à importância de uma transformação dessa relação no sentido de uma simbiose, de um bom encontro, feito de dar e receber.⁵

O fato de habitarmos a Ilha de Santa Catarina facilita bastante o nosso trabalho terapêutico de encontro com a natureza. Muitas vezes, saímos das salas fechadas e vamos às praias, às ondas, ao verde. Como o SAPSI fica no campus da UFSC, que conta com uma extensa área verde, sempre é possível um atendimento na grama, com as árvores, o céu, os pássaros.

O GUDA sempre se reuniu (a não ser quando chove ou faz frio) sob a proteção de um belo e antigo *flamboyant*. Atualmente, estamos plantando flores e frutas, enquanto conversamos sobre a vida: bióloga, assistente social, supostos loucos, estagiários de psicologia, psicólogos, estagiário em biologia, todos com a mão na terra, tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão próximos.

Assim, vamos ampliando a amizade da alma com o corpo e do corpo-e-alma com o mundo natural. Nesse sentido, estimulamos o cliente a fazer exercícios (se possível em contato direto com a natureza), mas so-

⁵ Michel Serres nos diz claramente o que é esse voltar-se para a natureza: “volta à natureza! Isso significa: ao contrato natural de simbiose e de reciprocidade onde a nossa relação com as coisas deixaria domínio e posse pela escuta admirativa, pela reciprocidade, pela contemplação e pelo respeito, onde o conhecimento não mais suporia a propriedade nem a ação a dominação... Contrato de armistício na guerra objetiva, contrato de simbiose: o simbiota admite o direito do hospedeiro, enquanto o parasita nosso estatuto atual condena à morte aquele que pilha e que habita, sem tomar consciência de que no final condena-se a desaparecer. O parasita toma tudo e não dá nada, o hospedeiro dá tudo e não toma nada. O direito de domínio e de propriedade se reduz ao parasitismo. Ao contrário, o direito de simbiose se define por reciprocidade: o que a natureza dá ao homem é o que este deve restituir a ela, transformada em sujeito de direito” (SERRES, 1991:51).

mente os que gostam muito de o fazer. Ele pode escolher entre as incontáveis técnicas corporais que unem corpo-e-alma e aumentam sua potência: andar, correr, nadar, fazer ioga, *tai-chi*, capoeira, futebol, surfar, etc., etc.

Assim como o mais básico (respirar profundamente), todas essas formas de exercício que nos deixam mais vivos fazem parte do que chamamos “prazeres difíceis”.

Os prazeres difíceis são todos esses prazeres que devem ser conquistados pouco a pouco, com muita força de vontade para vencer as dificuldades de aprendizagem. Quanto mais os praticamos, melhor ficamos e mais prazer sentimos. Ao realizá-los, o ser humano mostra o que tem de melhor: sua ilimitada capacidade de criar novas realidades, de “inventar novas possibilidades de vida” (DELEUZE, 1992:123).

Quando aprendemos um prazer difícil (tocar um instrumento, pintar, nadar, fazer ciência, etc.) e nos apaixonamos cada vez mais por ele, ganhamos um poderoso aliado na luta contra as paixões tristes. Destruímos a tristeza construindo a alegria. Desfazemos o passado criando o novo.

Voltemos à nossa amiga dona de casa afundada na depressão: ao pensarmos com ela quais são os seus prazeres difíceis, veremos que, muitas vezes, simplesmente não os têm. Viveu sempre para o dever de obedecer o marido e cuidar dos filhos. Não se realizou como um ser que aumenta sua potência à medida que vai aprendendo novas formas de fazer amor com mundos. As poucas coisas que gosta de fazer são em geral “prazeres fáceis”, como ver TV ou comer coisas gostosas. Ao contrário dos difíceis, que demandam muita determinação e um longo aprendizado, os prazeres fáceis não precisam ser conquistados, pouco a pouco: para senti-los, basta acender o cigarro, pôr o chocolate na boca ou ligar a televisão; por isso mesmo são chamados “fáceis”. São gozos que não oferecem surpresa, não se intensificam nem se tornam cada vez mais singulares com a prática.

A experiência nos mostra que quanto menos prazeres difíceis uma pessoa tem, mais dependente dos prazeres fáceis será. Com estes, trata-se de preencher (sem nunca conseguir) o vazio deixado pela ausência dos modos de gozar construídos lentamente: fazer amor com as artes, as ciências, as pessoas, os grupos, a natureza, o acontecimento...: “Fazer amor por todas as partes? Claro que estou de acordo!” Mas há que precisar talvez que “fazer amor” não se reduz a relações inter-individuais. Há muitas maneiras de fazer amor! Pode-se fazê-lo com as flores, com a ciência, com a arte, com os grupos sociais... Desde que o quadro

personológico da sexualidade edípica se quebra, uma sexualidade não-humana, uma trans-sexualidade se estabelece em conexão com o campo social... (GUATTARI, s.d.:70).

Entre os prazeres difíceis, há os que apresentam uma dificuldade mais complexa por envolverem esse registro ecológico tão conturbado e conflituoso: o das relações sociais. É fundamental o aprendizado de um encontro com o outro que seja uma fonte de prazer para ambos.⁶ A relação de troca que estamos, a duras penas, aprendendo a ter com o mundo natural, deve acontecer também nas nossas relações com as pessoas: em vez de “domínio e posse”, “a escuta admirativa, a reciprocidade, a contemplação e o respeito” (SERRES, cf. nota 5). No lugar de imposição de ‘Mim’, a aceitação da Diferença.

Essa mudança na relação com o outro irá tornando-se possível à medida que o cliente for fazendo o trabalho de arqueologia do inconsciente, de genealogia da moral, de transformação do corpo, de encontro com a natureza e de produção de prazeres difíceis. No caso de nossa dona de casa em processo de libertação, ela irá deixando de ser dominada pela depressão e de fazer da sua tristeza uma arma para subjugar a família. Por outro lado, aprenderá a governar a própria vida, a seguir os caminhos do coração,⁷ em vez de se deixar guiar pelo que os outros desejam que ela seja.

Não há milagre, varinha de condão, passe de mágica nesse encontro com a Vida. É um trabalho lento, muito difícil, que todos nós, que sofremos o “mal estar na civilização”, devemos realizar. Todos nós somos a dona de casa deprimida. Todos nós somos o esquizofrênico, a maníaco-depressiva, o obsessivo, a histérica, o paranóico, a vítima de síndrome do pânico, o que se acha normal, etc. Todos estamos em maior ou menor grau, sufocados pela paixões tristes.

⁶ Aqui nos sintonizamos com FOUCAULT, que buscava uma ética que levasse em conta não só o próprio prazer, mas também o prazer do outro: “o que quer perguntar é: somos capazes de ter uma ética de atos e seus prazeres que fossem capazes de levar em consideração o prazer ao casamento, ou seja lá o que for?” (FOUCAULT, 1984:46).

⁷ “Possui esse caminho um coração?”, pergunta o ‘brujo’ *Don Juan* ao antropólogo CASTAÑEDA: “qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum - para si mesmo ou para os outros abandoná-lo quando assim ordena o coração. (...) Olhe o caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias... Então faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma” (CASTAÑEDA, 1995:21).

Uns mais, outros menos, todos somos o camelo da parábola de Zaratustra (NIETZSCHE, 1983, p. 49-51), carregando o peso dos valores estabelecidos, da tristeza generalizada. Como sair disso e criar outra coisa é a nossa tarefa. Trata-se de devir leão, aprender a dizer Não, para a partir dessa liberdade conquistada, poder dizer Sim, criar novos valores, devir criança. Trata-se, dito de outro modo, de desfazer o que fizeram de mim e, assim, poder realizar a transmutação dos valores, esquecimento que apaga o ressentimento, inocência que elimina a dívida com a origem, jogo e novo começo.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo : Cultrix. 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. Paris : Minuit. 1980.
- CANTAÑEDA, Carlos. Os Ensinamentos de Don Juan. In: *CAPRA, Fritjof. O Tao da Física*. São Paulo : Cultrix. 16ª ed. 1995.
- DAMÁSIO, Antônio *O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo : Cia das Letras. 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: Philosophie Pratique*. Paris : Minuit. 1981 e 1992.
- ESPINOSA, Bento. Ética. In: ESPINOSA, B. *Vida e Obra* (Col. Os Pensadores). São Paulo : Abril. 3a. Ed. 1983.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro : Graal. 1979.
- _____. *O Dossier/Últimas entrevistas*. Rio de Janeiro : Taurus. 1984.
- _____. *Entrevista ao 'Le Monde'* (fev. 1975). In: *ERIBON, Didier. Michel Foucault - uma biografia*. São Paulo : Cia das Letras. 1990.
- FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização In: *FREUD - Col. Os Pensadores*. São Paulo : Abril Cultural. 1978.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo : UNESP. 1991.
- GUATTARI, Félix. *Loucura y Sociedad Segregativa*. Barcelona : Anagrama. (s.d.).
- _____. *As Três Ecologias*. Campinas : Papirus. 1990.
- PRIGOGINE, Ilya. From being to becoming; time and complexity in the physical sciences. In: GARCIA, Célio e MIRRA-de-PAULA e SILVA, Evandro. *Novo paradigma - novo estilo para a análise da articulação saber/poder*. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 75. Rio de Janeiro, out.-dez. 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Así Habló Zaratustra*. Madrid : Alianza. 11ª ed. 1983.
- REICH, Wilhelm. *A Função do Orgasmo*. São Paulo : Brasiliense. 18ª ed. 1994.
- ROCHA LIMA, Marcos. *Asilo, Exílio: o exercício de poder sobre as crianças consideradas anormais em nossa sociedade*. (Mimeo). S./d.
- SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1991.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo : Nova Cultural. 1996.